

Discurso, humor e resistência à racionalidade neoliberal em tiras da série “Meritogatinhas”, de Helô D’Angelo

Discourse, humor, and resistance to neoliberal rationality in Helô D’Angelo’s, “Meritogatinhas” strips

Discurso, humor y resistencia a la racionalidad neoliberal en tiras de la serie “Meritogatinhas”, de Helô D’Angelo



Francisco Vieira da Silva

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas, Rio Grande do Norte, Brasil.

E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

Resumo: O artigo analisa quatro tiras da série “Meritogatinhas”, de autoria de Helô D’Angelo, ilustradora e quadrinista de São Paulo, que foram publicadas no perfil da artista no *Instagram*, no decurso do ano de 2021. O objetivo do estudo consiste em analisar como o discurso humorístico presente nas tiras configura-se como uma forma de resistência frente à racionalidade neoliberal, pois questiona determinadas práticas relativas à meritocracia. Sobre a metodologia, convém frisar que se trata de um trabalho descritivo-interpretativo de viés qualitativo. As análises possibilitam constatar posicionamentos de crítica à meritocracia que, por meio do humor, buscam desconstruir certas verdades do regime neoliberal.

Palavras-Chave: discurso. Humor. Racionalidade neoliberal. Resistência.

Abstract: The article analyzes four strips from the series “Meritogatinhas” by Helô D’Angelo, an illustrator and comic artist from São Paulo, which were published on her Instagram profile during the year 2021. The aim of the study is to analyze how the humorous discourse manifested in the strips is configured as a form of resistance to neoliberal rationality, since it questions certain practices related to meritocracy. In what is regarding methodology, it is worth pointing out that this is a descriptive-interpretative study with a qualitative bias. The analyses allow us to verify positions of criticism of meritocracy that seek to deconstruct certain truths of the neoliberal regime, doing that through humor.

Keywords: discourse. Humor. Neoliberal rationality. Resistance.

Resumen: El artículo analiza cuatro tiras de la serie “Meritogatinhas”, de autoría de Helô D’Angelo, ilustradora y dibujante de cómic de São Paulo, que fueron publicadas en el perfil de la artista en Instagram, a lo largo del año 2021. El objetivo del estudio comprende en analizar cómo el discurso humorístico manifestado en las tiras se configura como una forma de resistencia frente a la racionalidad neoliberal, ya que cuestiona determinadas prácticas relacionadas a la meritocracia. Sobre la metodología, conviene subrayar que se trata de un trabajo descriptivo-interpretativo de sesgo cualitativo. Los análisis posibilitan constatar posicionamientos de crítica a la meritocracia que, por medio del humor, buscan deconstruir ciertas verdades del régimen neoliberal.

Palabras clave: discurso. Humor. Racionalidad neoliberal. Resistencia.

Submetido em 01 de abril de 2022.

Aceito em 03 de junho de 2022.

Publicado em 19 de setembro de 2022.

Introdução

Em 16 de janeiro de 2022, uma postagem do portal G1 no *Twitter* informou que o tema da redação do vestibular da Fuvest (Fundação Universitária para o Vestibular), considerado um dos maiores exames do país e que permite o ingresso na Universidade de São Paulo (USP), havia sido: *As diferentes faces do riso*. A proposta requeria que o candidato explorasse os distintos elementos relativos ao riso, tais como: característica universal dos seres humanos, os significados e as funções sociais e culturais do riso, a crítica social e a resistência (G1, 2022, n. p.). Um dos comentários publicados no *twitter* relativos à postagem antes referida assim se expressou: “hahaha, hehehe, shuashuashua”. De maneira bem-humorada, essa postagem usa das especificidades fonéticas de performance do próprio riso para mostrar as diferentes formas de grafá-lo na escrita usada nas mídias digitais e, com isso, enuncia quanto à temática da redação.

O riso, conforme nos mostra Eagleton (2020), trata-se de uma língua formada por variados dialetos, expressando uma miríade de sensações e formas de rir, as quais podem estar relacionadas a múltiplas dimensões do humor. Segundo esse autor, embora o riso apenas indique um som, um ruído aparentemente desprezioso e anárquico, está recheado de significações culturais. Assim sendo, “[...] o riso compensa um pouco a nossa mortalidade, assim como nossas enfermidades de modo geral” (EAGLETON, 2020, p. 16).

Partindo dos apontamentos tecidos nos parágrafos precedentes, o enfoque deste texto repousa em ponderarmos sobre como é possível construir formas de resistência à racionalidade neoliberal, ensejadas em discursos de tiras cômicas. Nesse sentido, estamos pensando na face crítica do humor, num modo bem específico de enxergar o mundo ao nosso redor, de questionar a ordem constituinte, de subverter a seriedade dos discursos oficiais e das verdades socialmente construídas. Nas palavras de Alvarce (2009, p. 36), o riso “[...] só acontece se, diante de tal espetáculo, pudermos nos livrar momentaneamente da emoção,

a fim de enxergamos com olhos mais livres”. Em suma, revela-se certa conversão do olhar, a ser efetuado quando nos deparamos com o discurso humorístico, pois este põe em suspenso as nossas expectativas e visões pré-concebidas.

Quando articulamos essa reflexão como uma crítica à racionalidade neoliberal podemos vislumbrar que o humor configura-se como uma estratégia de resistência, na medida em que busca desconstruir as verdades do modo neoliberal de governar as condutas, expondo as suas contradições, os limites e as subjetividades erigidas a partir dessa racionalidade. Convém salientar que aqui compreendemos o neoliberalismo na perspectiva de Foucault (2008b) e de Dardot e Laval (2016), para os quais se trata menos de uma doutrina eminentemente econômica e mais como uma estratégia de governo dos corpos e das subjetividades, tendo em vista que o viés mercadológico acaba por adentrar todos os meandros da vida social. Segundo Dardot e Laval (2016), a razão neoliberal leva os sujeitos a se portarem como se estivessem permanentemente numa relação de competição e, dessa forma, é necessário investir em si mesmo, aperfeiçoar seu capital humano, com vistas a vencer a concorrência.

No âmago dessas condições de possibilidade, entra em jogo a questão da meritocracia, componente fundamental da racionalidade neoliberal, posto que conduz o sujeito a ser o único responsável por sua jornada de sucesso ou pelo seu malogro. Em tal conjuntura, são continuamente delineadas formas de existência ancoradas no mérito pessoal como a chave do sucesso, expressas por narrativas de toda ordem, principalmente nas mídias sociais digitais. Essas narrativas tendem a apagar as desigualdades sociais e econômicas estruturantes do cenário brasileiro (SOUZA, 2018) e relativizar a atuação do Estado e das organizações coletivas, principalmente quando se considera o prisma individual como a única dimensão possível de ser mobilizada. Assim, a principal contribuição deste estudo consiste em mostrar como o discurso humorístico se constitui em estratégias de resistência que põem em xeque as verdades da meritocracia, aqui concebida como um importante alicerce da racionalidade neoliberal.

Para se contrapor a esses discursos da razão neoliberal, e, por conseguinte, à retórica da meritocracia, situamos as tiras da série “Meritogatinhas”, de autoria da ilustradora e quadrinista de São Paulo, Helô D’Angelo. Conforme define a artista, em seu perfil no *Instagram*, as meritogatinhas são “[...] personagens de uma série de tirinhas independentes sobre a bobagem que é acreditar em meritocracia num mundo desigual como o nosso” (D’ANGELO, 2021, n. p.). De acordo com o posicionamento assumido por D’Angelo, as tiras fundam um contradiscurso em relação à propalada meritocracia, a qual só pode ser situada no interior de um sistema ingênuo de crenças, considerando a predominância das desigualdades sociais existentes. Partindo desse posicionamento, este estudo tem como objetivo analisar como o discurso humorístico manifestado nas tiras de D’Angelo constitui estratégias de resistência diante das verdades da racionalidade neoliberal, especialmente da meritocracia. Para tanto, selecionamos quatro tiras publicadas no perfil da artista no *Instagram* (@helodangeloarte) no decurso do ano de 2021.

O suporte teórico a nortear a presente investigação alicerça-se, principalmente, nos estudos de Foucault ([1982]1995; [1978] 2008a; [1979] 2008b; [1969] 2010) acerca do discurso, do neoliberalismo, do poder, da resistência e da verdade; nos apontamentos de Dardot e Laval (2016) e Castiel (2021) a respeito das inflexões do neoliberalismo em diversos setores da sociedade e em Eagleton (2020), Possenti (2010) e Ramos (2014) sobre o humor na conexão com a cultura, com o discurso e com o gênero tira. Sobre a metodologia, vale salientar que se trata de uma pesquisa descritivo-interpretativa, porquanto nos importa a descrição e a interpretação das tiras, sob um viés qualitativo, pois interessa a observação do fenômeno estudado, prescindindo de dados numéricos e variáveis controladas. O instrumento analítico a guiar as análises pauta-se nos estudos discursivos foucaultianos em articulação com autores que discutem o humor como uma prática cultural e histórica.

Acerca da organização textual deste escrito, é conveniente assinalar que se estrutura da seguinte forma: além desta seção, mais quatro tópicos compõem o artigo. O primeiro deles discute

algumas ponderações relacionadas aos conceitos relevantes para a análise dos dados, tais como discurso, enunciado, formação discursiva poder, resistência, verdade. No segundo, são pontuadas as questões do neoliberalismo e do humor como uma estratégia de resistência. Em seguida, tem-se a análise das tiras da série “Meritogatinhas”, de Helô D’Angelo e, na seção final, aparecem as considerações finais, nas quais imprimimos um efeito de fechamento para as reflexões aqui desenvolvidas.

Sobre os conceitos de discurso, enunciado, formação discursiva, poder, resistência e verdade

A concepção de discurso no interior das teorizações foucaultianas diz respeito a uma prática a construir os objetos de que fala. Profundamente marcado pelas positivities da história, relaciona-se com a dimensão do acontecimento, quer dizer, com as condições responsáveis pela emergência e ordenação de certos dizeres num dado momento e lugar, segundo os arranjos de saberes específicos.

Segundo Foucault (2010), o discurso compõe-se de unidade menores, chamadas de enunciados. O enunciado representa uma espécie de átomo, de grão do discurso, em outras palavras, de uma unidade mínima de análise. Diferente de outras unidades distintivas, como a frase, a proposição e o ato de fala, o enunciado constitui uma espécie de função a cruzar esses domínios e a balizar as condições de existência de uma prática discursiva. A função enunciativa, conforme Foucault (2010), caracteriza-se pelas seguintes propriedades: a) referencial – institui as leis de possibilidade que singularizam o enunciado num tempo e lugar específicos; b) posição de sujeito – reporta-se a um posicionamento a ser assumido no enunciado e não se confunde com o sujeito empírico, com o autor da formulação e nem com o sujeito gramatical; c) domínio associado – concerne a uma rede enunciativa, através da qual os enunciados se conectam com já ditos e com outros ainda a serem formulados; d) materialidade repetível – está ligada à necessidade

de o enunciado carecer de um lugar, uma data, uma substância, um suporte e um aparato institucional para se constituir como tal.

A descrição das propriedades do enunciado torna-se imprescindível para rastreamos a existência de regularidades discursivas num regime de dispersão. Nesse jogo, entra em cena o conceito de formação discursiva. De acordo com Foucault (2010), sempre que se puder identificar um conjunto de regularidades, materializadas por meio de certas escolhas temáticas, objetos de discurso, tipos de enunciação, de estratégias e de modalidades enunciativas, podemos localizar o funcionamento de uma formação discursiva. Na leitura de Araújo (2020), o conceito de formação discursiva mostra-se produtivo para entender como se recortam e se delimitam campos de saber, como se constroem limiares epistemológicos que obtêm normas e critérios, como se deslindam o reconhecimento de dadas proposições. Em suma, as formações discursivas são heterogêneas, plásticas e contemplam modos de funcionamento diversos.

Além disso, para Foucault (2009), o discurso encontra-se intimamente relacionado com o desejo e com o poder. Para o pensador francês, é através do discurso que as relações de poder são colocadas em funcionamento e atuam sobre as ações, as condutas e as subjetividades, bem como por meio de procedimentos que visam a controlar, regular, distribuir e organizar toda e qualquer produção discursiva. Na perspectiva foucaultiana, o poder diverge de certas concepções que o ligam à proibição, ao contrato, à lei, à negação e à repressão; ao contrário, Foucault (1995) situa o poder no âmbito da positividade, da indução, do estímulo e do incentivo. Isso não implica dizer, certamente, que inexistam a exploração, a sujeição e relações de subordinação, mas, sim, que o poder não se limita sob a ótica macro da economia e das instituições, espalhando-se por todo o corpo social.

De acordo com Foucault (1995), o poder funciona de forma microfísica e, desse modo, sempre existe a possibilidade de fuga, de luta, de sublevação e de revolta, enfim, de um campo de ação em potencial. Nesse sentido, as relações de poder se efetivam sobre

os homens livres, não atuam diretamente sobre os seus corpos, senão através de ações que levam a outras ações.

Nesse ponto, há a diferença entre poder e violência, porque enquanto aquele é de ordem relacional, esta submete, força, priva e não dá margem para ação efetiva. Por isso, falar de poder sob as lentes foucaultianas redundaria escrutinar o estatuto das estratégias de resistência que, por sua vez, integram o funcionamento das relações de poder, sendo a estas coextensivas.

Em síntese, quanto mais enredadas forem as relações de poder, mais incisivas serão as estratégias de resistência. Na visão de Foucault (1995), como condição permanente das relações de poder figuram as insubmissões, de tal maneira que inexistem poder sem estratégias de afrontamento, apelos recíprocos e trocas perpétuas. As relações de poder e as estratégias de resistência disputam a produção da verdade de cada época. Esta é concebida por Foucault (2008a) não como uma abstração e/ou uma entidade transcendental, mas como uma instância deste mundo, profundamente conectada com o poder, com a história e a cultura. Nas palavras de Foucault (2008a, p. 12), “[...] A verdade é deste mundo. Ela é produzida graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder”. Sob essa perspectiva, entende-se que cada sociedade possui um regime de verdade, materializado por meio de uma política da verdade, a definir os discursos a serem considerados verdadeiros, os mecanismos que delimitam e diferenciam os discursos verdadeiros dos falsos, as técnicas e os procedimentos empregados para extrair a verdade e, por fim, o estatuto dos que têm o direito de legitimar a produção discursiva da verdade.

Sobre a racionalidade neoliberal e o humor como estratégia de resistência

A discussão sobre o neoliberalismo aparece em Foucault (2008b) no interior dos debates desenvolvidos num curso ministrado no Collège de France, em 1979, postumamente publicado

sob o título *Nascimento da biopolítica*. Esse debate recobre apontamentos relativos às artes de governar do liberalismo, as quais, de acordo com a genealogia foucaultiana, gestaram as condições de existência para a aparição da população como uma preocupação de ordem política e, como corolário, de natureza governamental. Discutindo as especificidades dessas artes de governar, Foucault (2008b) enumera duas tendências que surgem no decorrer do século XX e remodelam princípios e pressupostos do liberalismo clássico, a saber: o ordoliberalismo alemão e o neoliberalismo norte-americano. Centremos o foco sobre esta última, pois essa tendência pulverizou-se por todo o globo, tendo em vista o advento da globalização e da financeirização do mercado. De acordo com o pensador francês, a irrupção do neoliberalismo no contexto norte-americano encontra eco em críticas realizadas às políticas intervencionistas e planificadas adotadas por meio dos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial.

Na leitura foucaultiana, o neoliberalismo estadunidense apresenta uma especificidade inexistente noutras ramificações da doutrina liberal: trata-se da contínua introdução da lógica concorrencial em diferentes aspectos da vida social e, nesse viés, tem-se que o neoliberalismo representa mais uma forma de governo que uma vertente eminentemente econômica. Isso ocorre pelo menos de duas maneiras, conforme enfatiza Foucault (2008b): a teoria do capital humano e a mudança do perfil do *homo economicus*.

A teoria do capital humano foi perfilada por Thomas Shultz e Gary Becker e tomada como parâmetro na consecução de políticas públicas ao redor do mundo, especialmente a partir das décadas de 1970 e 1980, considerando as experiências de matriz neoliberal em países como Reino Unido, Chile e Estados Unidos.

Tal teoria está relacionada a modificações pontuais na forma de perceber a relação entre o trabalho e a economia, para além da variável temporal considerada pelas abordagens marxistas. Lembra Foucault (2008b) que a teoria do capital humano enxerga o trabalho a partir do ponto de vista do sujeito trabalhador, o qual é levado a se reconhecer como um capital que produz um fluxo de renda. Esse

capital compreende uma espécie de aptidão e de competência a serem continuamente aperfeiçoados pelo sujeito. Isso porque “[...] A aptidão a trabalhar, a competência, o poder fazer alguma coisa, tudo isso não pode ser separado de quem é competente e pode fazer alguma coisa” (FOUCAULT, 2008b, p. 309). Sob esse viés, o trabalhador se materializa na figura do empreendedor de si mesmo, devendo investir permanentemente em sua formação, num treinamento de si contínuo, na observação dos riscos, na análise dos custos e benefícios, com vistas a competir no mercado neoliberal.

Já em relação à mudança no perfil do *homo oeconomicus*, convém frisar que, no coração do liberalismo clássico, tratava-se do homem da troca, de um dos parceiros da troca; todavia, na racionalidade neoliberal, esse *homo oeconomicus* materializa na representação do empresário de si mesmo, “[...] sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda” (FOUCAULT, 2008b, p. 311).

Nessa ótica, apregoa-se, segundo Dardot e Laval (2016), que o espírito empresarial está presente em cada um e cabe ao Estado e à sociedade de modo global desenvolver condições para amplificar a livre concorrência, por meio da qual todos possam aperfeiçoar suas aptidões empreendedoras. Nesse sentido, pode-se destacar a crítica realizada pelos neoliberais à presença do Estado na garantia de direitos e proteções sociais, os quais tendem a enxergar a atuação governamental como geradora de entraves à propalada autorregulação do mercado. Como resultado, tem-se a implementação de políticas que reduzem direitos e garantias, a privatização de empresas públicas, sob o argumento de que todos potencialmente podem concorrer no interior de uma competição implacável, bastando, para tanto, mostrar-se flexíveis, adaptativos e autônomos. Ao descreverem o funcionamento da racionalidade neoliberal, Dardot e Laval (2016) divergem de outras perspectivas teóricas que tendem a reconhecer os efeitos do neoliberalismo apenas no domínio da economia. De acordo com esses autores franceses, o neoliberalismo introjeta o seu *modus operandi* em diversos aspectos da vida social.

Partindo desse entendimento, Castiel (2021) pontua a extensão da racionalidade mercadológica para outras fronteiras estritas

do mercado, resultando na formação de subjetividades contábeis geridas pelo princípio da concorrência. Para tanto, foi necessário que houvesse um redimensionamento a induzir uma mudança de comportamento, por meio de técnicas disciplinares e sistemas de coação, de modo a levar os sujeitos a governarem a si mesmos sob o signo da competição, “[...] segundo os princípios do cálculo maximizador e uma lógica de valorização do capital, seja em termos literários ou metafóricos” (CASTIEL, 2021, p. 169). Isso culmina num cenário em que “[...] o nível de autocontrole é capaz de atingir níveis que desnudam o mecanismo perverso que transforma cada um em instrumento de si mesmo” (CASTIEL, 2021, p. 173). Ora, se o sujeito é o responsável pela sua própria gestão, compete somente a ele a eficácia ou o malogro na execução de suas performances, desempenho e projetos, engendrando, pois, uma profunda individualização de processos constitutivamente históricos sociais e, portanto, coletivos.

Han (2018, p. 13) mostra-se certo ao asseverar: “Quem fracassa na sociedade neoliberal do desempenho, em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso”. Nesse enquadre, podemos situar uma discussão sobre a meritocracia, a qual é satirizada nas tiras de Helô D’Angelo, pois, se tudo ocorre na dimensão individual, o sujeito é levado a admitir que se trata de uma questão de merecimento, de um ganho advindo de um esforço empreendido, desconsiderando os diversos fatores sociais envolvidos. *Você (não) se esforçou o bastante, por isso merece (ou não)* poderia ser um *slogan* a sintetizar essa autorresponsabilização do sujeito em suas vitórias e derrotas numa sociedade matizada pelo enfoque no desempenho, ou na aparência de, como indício de sucesso e de realização. Franceschini e Santos (2019, p. 6) situam a meritocracia como um discurso que tende a perpetuar as desigualdades sociais, pois “[...] não considera o ser como social, envolvido em fatores sociais como preterimento e privilégio. Uma abordagem meritocrática considera única e exclusivamente o indivíduo como senhor de seu destino, seja na miséria, seja na fartura, tudo a depender dos seus feitos”.

Ponderando sobre a meritocracia no interior da racionalidade neoliberal, Wayne e Cabral (2021) concluem que uma série de artefatos culturais, midiáticos e educacionais promoveram meticulosamente subjetividades desligadas das condições materiais de existência, que são o fator determinante dos resultados individuais e das oportunidades da vida. Os autores aduzem a seguinte tese: o capitalismo neoliberal mobiliza a meritocracia como uma estratégia a impingir nos indivíduos a crença segundo a qual “[...] a combinação de certas características – talento, a atitude certa e o trabalho árduo – coloca alguns indivíduos no topo da estrutura de classes e isso lhes dá o direito de governar sobre os outros” (WAYNE; CABRAL, 2021, p. 2).

O humor pode se configurar como uma estratégia de resistência ao discurso da meritocracia, na medida em que desnuda os paradoxos do neoliberalismo e performa uma crítica ao efeito de verdade de tal prática. Na constituição do discurso humorístico, diferentes recursos são empregados. De acordo com Eagleton (2020), um desses recursos manifesta-se na questão da incongruência, ou seja, no efeito gerado pela discrepância de posicionamentos discursivos e na desconstrução de expectativas preexistentes. Na voz de Eagleton (2020, p. 57), “[...] o humor surge do impacto entre aspectos incongruentes: uma súbita mudança de perspectiva, um deslize inesperado do significado, uma atraente dissonância ou discrepância, uma momentânea desfamiliarização do familiar e assim por diante”. Partilhando de argumento semelhante, Alvarce (2009, p. 38) atesta: “[...] o que nos faz rir é, sem dúvida, a junção de imagens que têm contrárias adicionais”.

Esse caráter dissonante e, por extensão, crítico do humor no cotejo com a pretensa seriedade dos discursos oficiais e da ordem constituinte, no decorrer da história ocidental, foi crucial para que se produzisse uma série de dizeres contrários à existência do humor, seja por parte de tratados filosóficos, seja por meio do poder institucional da religião cristã, conforme postula Minois (2003). Por outro lado, o riso foi também concebido como uma prática estruturante da cultura popular, de acordo com as abordagens de Bakhtin

(2008), ao analisar a cosmovisão carnavalesca no âmbito da obra de François Rabelais, assim como a função precípua do chiste na nossa vida psíquica, conforme elucida Freud (2010) quando estuda a relação existente entre o riso e o inconsciente. Ao justificar a escolha por estudar o chiste, o precursor da psicanálise assinala: “[...] também se pode lembrar o fascinante encanto que o chiste desperta em nossa sociedade. Um chiste novo funciona como um acontecimento de interesse geral; ele é passado de uma pessoa a outra como a mais recente notícia de vitória na guerra” (FREUD, 2010, p. 12).

De acordo com Possenti (2010), o humor pode ser classificado como um campo discursivo em virtude dos seguintes aspectos: a) constrói-se mediante regras específicas, marcadoras das particularidades de outros campos, a exemplo da literatura, o jornalismo, a política, dentre outros; b) aborda diferentes temáticas e pode contestar as estratégias de silenciamento; c) abarca uma miríade de gêneros, desde a anedota, a charge, a crônica, a história em quadrinhos e o cartum, passando pelo meme e outras materialidades das mídias digitais e chegando na exploração humorística de outros textos; d) pode-se pensar uma tipologia que classifica o humor numa escala que vai do erudito ao popular, considerando certamente os interesses classistas subjacentes a tal categorização; e) dialoga com outros elementos da plataforma midiática em que se situa e circula, como o espaço do jornal, a rede social, da televisão, dentre outras.

Nessa heterogeneidade do humor, nosso foco recobre o funcionamento discursivo das tiras. De acordo com Ramos (2014, p. 31), a tira constitui “[...] um formato utilizado para a veiculação de histórias em quadrinhos em suportes e mídias impressas e digitais”. Esse molde, para Ramos (2014), pode ser apresentado de variadas formas: do modo mais tradicional, composto por uma faixa retangular horizontal ou vertical, com duas, três ou mais tiras e o número de quadrinhos pode mudar, pois pode conter apenas um quadro ou ocupar várias cenas. Na categorização proposta por Ramos (2014), as tiras da série “Meritogatinhas” inscrevem-se na tipologia das tiras longas, pois ocupam mais de um andar ou faixa, seja horizontal ou vertical. O autor adverte que essas mudanças

na composição das tiras estão intimamente relacionadas com as novas possibilidades de produção decorrentes das tecnologias digitais. Conforme afirmamos antes, as tiras da série aludida foram publicadas e perfil de rede social da artista Helô D’Angelo, razão pela qual nos faz ponderar que são condições contextuais importantes para que a tira apresente esse formato e não outro.

“Meritogatinhas” em discurso: humor e resistência à racionalidade neoliberal

A série “Meritogatinhas” possui uma personagem fixa representada por uma gata que tende a não reconhecer os seus privilégios. Ela mora em um lar, tem brinquedos, comida e é bastante querida pelo/a seu/a dono/a. Em algumas tiras, a gata aparece sozinha e em outras dialoga com um gato bem-vestido que a indaga sobre a sua condição de vida, mas se mostra estar em um mesmo nível social que ela, e com um felino que mora na rua, destacando, assim, a distância que os separa no interior da narrativa.

Vejamos, a seguir, a primeira tira selecionada para análise.

Figura 1 – Tira da série “Meritogatinhas”



Fonte: Perfil @helodangeloarte no Instagram (2021)

A posição de sujeito presente na tira consiste em mostrar as contradições do discurso da meritocracia presentes no enunciado produzido pela gatinha no último quadrinho, a partir de uma narrativa verbovisual que exhibe uma série de desigualdades no tratamento conferido à gata de cor branca e ao gato de cor preta, os quais são visualmente segregados no interior do quadrinho. Para começar, podemos flagrar uma alusão ao crime de racismo, tendo em vista a discriminação no tocante ao gato preto, por meio de um discurso relacionado a uma prática de superstição. A partir do universo criado na tira, predomina o exercício de questionamento das condições distintas que caracterizam as relações étnico-raciais no contexto brasileiro (NUNES, 2006), o que relativiza a pretensa igualdade propalada pelo discurso da meritocracia.

Somado a isso, outros fatores da narrativa são mobilizados, quais sejam: o fato de o gato aparecer, ainda recém-nascido, próximo a uma lata de lixo, supondo, assim, a sua situação de abandono, em contraste com a gata que, desde a mais tenra idade, tem acesso a um serviço especializado de *pet shop*, no primeiro quadrinho; ao tratamento diferenciado conferido aos dois animais, pois, enquanto a gata recebe afagos, o gato é agredido, no segundo quadrinho; a questão da alimentação e da saúde também é explorada no terceiro e quarto quadrinhos, de modo a sinalizar que, ao passo que a gata tem uma alimentação saudável e é assistida por um médico veterinário, o gato é deixado à sua própria sorte, alimentando-se de restos de comida e tendo sua saúde comprometida; a atenção e os mimos dedicados à gata entram em choque com o tratamento hostil endereçado ao gato, conforme vemos no quinto e no sexto quadrinhos. A posição de sujeito que enuncia nessas cenas chama a atenção para a distinção indisfarçável na forma como as duas personagens são tratadas e percebidas pelos humanos e, por extensão, pela sociedade, e isso assenta um saber relevante para esboçar o posicionamento conflitante na fala da gata no último quadrinho. Na composição discursiva da série de Helô D’Angelo, podemos flagrar uma conexão com o gênero fábula, haja vista a existência de animais com sentimentos e atitudes humanas e um tom moralizante e, por vezes, educativo, adotado na posição do sujeito a enunciar

na tira sobre as contradições da meritocracia pela ótica do humor. De acordo com Ferreira e Bulhões (2021, p. 50), a fábula supõe a personificação, “[...] pois nas atitudes da personagem prevalecem discursos e comportamentos próprios dos seres humanos”.

Assim, após todas as cenas apontarem para uma dissonância na trajetória das duas personagens, a gata denuncia a inexistência de privilégios e defende o esforço demandado para conseguir as benesses que lhe são ofertadas. Podemos rastrear na construção desse discurso enunciados já ditos (FOUCAULT, 2010) que são retomados no fio enunciativo pelo emprego das aspas no termo privilégio. O domínio associado, conforme antes discutido, possibilita a irrupção de enunciados já produzidos e que são recuperados para serem repetidos, afirmados ou contestados. No caso em estudo, observa-se uma posição segundo a qual a meritocracia desconsidera os privilégios e as desigualdades existentes, ao defender um dado equilíbrio no processo de aquisição de bens e de ascensão social. No discurso da personagem da tira, fica em destaque essa contradição, pois, nos quadros anteriores, a personagem não precisou fazer nenhum esforço para ter um tratamento diferente do gato que, no último quadrinho, apresenta um aspecto de cansaço, de desânimo. No entanto, segundo o posicionamento assumido pela gata, o seu conforto deriva de um intenso labor efetuado por ela. Ao voltarmos à tira, poderemos notar que tal discurso não encontra razões plausíveis para se sustentar e isso destitui o efeito de verdade que o embala. O humor aloja-se justamente nesse jogo de posicionamentos díspares, na incongruência entre o visível e o enunciado, de modo a expor que as formações discursivas não são blocos homogêneos, conforme exprimem as teorizações foucaultianas.

De acordo com Markovits (2021), o ideal meritocrático prevê que a recompensa deve ser conquistada e não herdada e intenta promover “[...] a igualdade e a oportunidade dando acesso à elite – antes hereditária – a pessoas comuns, munidas de talento e ambição. Promete, ainda, contabilizar as vantagens com o interesse público, ao reafirmar que riqueza e *status* devem ser obtidos por conquista” (MARKOVITS, 2021, p. 17); e, com isso, “[...] esses ideais pretendem

unir a sociedade em torno de uma visão comum do trabalho árduo, competência e merecida recompensa” (MARKOVITS, 2021, p. 17). Na tira em estudo, é possível vislumbrar o funcionamento do ideal meritocrático, tendo em vista o discurso de negação da personagem no último quadrinho. Em linhas gerais, esse discurso enlaça-se à racionalidade neoliberal, ao propugnar que uma relação direta entre o esforço e o trabalho seria a garantia de boas condições de vida. O apagamento das assimetrias sociais compõe uma regularidade no interior da formação discursiva neoliberal e na construção do discurso da meritocracia, conforme também se pode depreender da tira a seguir. E, ao demonstrar o *modus operandi* desse discurso, podemos observar uma estratégia de resistência, pois se construiu um campo de respostas que desmonta o efeito de verdade da meritocracia. Conforme vimos na seção anterior, a formação discursiva materializa-se por meio de regularidades expressas, principalmente, em recorrências temáticas, em tipos de enunciação e de objetos. Na tira, temos uma regularidade do campo temático, haja vista a temática da meritocracia a sustentar as desigualdades inerentes ao funcionamento da lógica neoliberal. Os discursos produzidos no interior dessa formação discursiva tendem a repetir tal temática, tornando-a uma verdade a ser socialmente aceita.

A seguir, temos a segunda tira.

Figura 2 – Postagem da série “Meritogatinhas”



Fonte: Perfil @helodangeloarte no Instagram (2021)

Nessa tira da série, a gata dialoga com outro felino que, como em outras tiras, busca levá-la a refletir sobre a sua condição privilegiada diante dos problemas sociais enfrentados pelos demais felinos, concebidos aqui como uma alegoria aos seres humanos. No primeiro quadrinho, frisa-se o enunciado “Acabou a mamata”, que se tornou recorrente nas mídias digitais a partir do afastamento da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, e no decurso da campanha eleitoral do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. A posição de sujeito de tal enunciado, conforme o estudo realizado por Coelho e Oliveira (2018), por meio da análise de comentários *on-line*, revolta-se contra os programas sociais de distribuição de renda, acusando os beneficiários de “vagabundos” que sobrevivem nas “tetas” do Estado.

Assim, subsistem nesse enunciado os desígnios da formação discursiva neoliberal, dado que preconizam a redução dos gastos governamentais e a crença de que cabe a cada sujeito, no caso da tira, a cada gato, trabalhar para garantir o seu sustento. No segundo quadrinho, o personagem masculino da tira parece concordar com o discurso da gata, ao defender a necessidade de acabar com os privilégios, ao que a gata responde de maneira enfática, corroborando o posicionamento do seu interlocutor.

No terceiro quadro, contudo, o termo privilégio é recategorizado. O gato descreve o excesso de regalias da gata, apontando a postura consumista desta e a necessidade de se desvencilhar de objetos e artefatos que não são usados por ela. Desse modo, o discurso sobre os privilégios adquire outra conotação na interpelação do personagem masculino, pois, se enquanto no primeiro quadrinho refere-se a programas sociais, no terceiro, sinaliza-se para a necessidade de a personagem feminina reconhecer que ela usufrui certas regalias inexistentes nas vivências de outros gatos. A reação da gata é de indignação, expressa pela sua face emburrada e pelo ponto de exclamação presente no balão do terceiro quadro. Quer dizer, pensar os privilégios sob o ponto de vista defendido pelo gato constitui uma afronta e, no último quadrinho, a intervenção raivosa da gata busca desfazer tal posicionamento. Segundo ela, não se trata de privilégios, mas, sim, de uma recom-

pensa advinda de um esforço realizado, o que parece fortalecer o discurso da meritocracia (FRANCESCHINI; SANTOS, 2019). Ocorre que a contradição se estabelece quando ela confessa que o esforço estabeleceu-se por meio da “fofura”, denotando, portanto, nenhum sacrifício, dificuldade, empenho ou um labor extenuante, conforme defendido por ela no âmbito do primeiro quadrinho em relação aos outros gatos, que devem trabalhar.

A posição de sujeito expressa no decorrer da tira se manifesta por meio de um dado saber para o qual é preciso incentivar posturas proativas (CASTIEL, 2021) em detrimento de ajuda de terceiros e, com isso, alicerça relações de poder a engatar condutas e atitudes no nível individual, consoante propugnado no esteio da racionalidade neoliberal, conforme defende Castiel (2021). Todavia, como se trata de um discurso humorístico, o componente da contradição delinea as incompatibilidades na formulação desse posicionamento, a saber: a dificuldade dos que corroboram esse discurso em reconhecer como detentor de privilégios. Consoante frisam Wayne e Cabral (2021), uma sociedade fundada no princípio da meritocracia tende a desprezar qualquer política pública voltada à redução das desigualdades sociais. Procede, na materialidade discursiva da tira, tal constatação, haja vista o tom de revolta da gata no primeiro quadro e a sua obstinação em argumentar sobre o mérito obtido por meio do esforço em “fofura”.

A construção do humor na tira de Helô D’Angelo funciona como uma estratégia a desconstruir as verdades (FOUCAULT, 2008a) responsáveis por engendrar o discurso da meritocracia no funcionamento do neoliberalismo. Nesse sentido, ressaltar as incongruências desse discurso e como ele oculta as desigualdades e o reconhecimento de regalias que impedem a igualdade de condições preconizadas por essa prática representa uma tática de resistência pontual, porque desmonta dizeres inscritos na memória social e na cultura do capitalismo neoliberal, os quais se impõem como naturais e já-dados. Noutras palavras, a tira discursiviza os saberes e as relações de poder relativas à racionalidade neoliberal e como elas se impõem como um regime de verdade (FOUCAULT, 2008a).

Passemos, a seguir, a análise da terceira tira.

Figura 3 – Postagem da série “Meritogatinhas”



Fonte: Perfil @helodangeloarte no Instagram (2021)

“O humor é tanto elo quanto arma”, sentencia Eagleton (2020, p. 108). Pensando com esse autor britânico, nas tiras de Helô D’Angelo analisadas, o discurso humorístico condensa certos posicionamentos discursivos e afronta determinadas visões de mundo. Assim como na tira anterior, a personagem da gata é instada a ponderar acerca dos seus privilégios, na comparação com outros gatos que vivem sob precárias condições das ruas. O personagem do gato lista, portanto, tais benesses: ter um dono, ter acesso à saúde e alimentação, um teto e ser bem tratada.

Ao fazer o comparativo entre os gatos em situação de rua e a vida de conforto da gata, a posição de sujeito busca levá-la a se conscientizar a respeito de disparidades sociais e econômicas a afetarem o universo dos felinos. No entanto, o objetivo do gato não logra êxito, porque, no último quadrinho, a gata elucida que a adoção dos felinos em condições insalubres depende exclusivamente

do esforço e talento individuais. Ou seja, se eles se esforçarem mais, certamente serão recompensados e alguém os acolherá. O discurso da meritocracia é novamente acionado, pois as possibilidades de conquista e de melhores condições estão atravessadas pela ênfase no mérito e esforço individuais (FRANCESCHINI; SANTOS, 2019), o que mais uma vez encobre as disparidades existentes.

As ironias e os embates entre as vontades de verdade presentes na tira armam-se desse efeito mordaz que recai na crítica à meritocracia, pois esta, ao anular as dissimetrias, atribui o fracasso apenas à dimensão individual. Quando se pontua, pois, os paradoxos dessa prática, é possível resistir às orientações de natureza neoliberal por meio da sátira, porque a racionalidade do neoliberalismo amplifica a dinâmica do desempenho nas relações de poder (FOUCAULT, 1995) em todos os setores da sociedade. No caso da tira, a gata insere a atuação dos bichanos de rua num esquema do tipo desempenho/recompensa e, sob essa lógica, somente quem se esforça consegue êxito. Isso culpabiliza os gatos, os quais devem se comportar como se fossem empresários de si mesmo (DARDOT; LAVAL, 2016; FOUCAULT, 2008b) e, por meio dessa administração, criar suas próprias condições para ascender socialmente. Para Foucault (2008b), esse empresário de si mesmo seria capaz de produzir as condições necessárias para a obtenção de seus fluxos de renda. No discurso da gata da tira, faltaria o esforço necessário para tal obtenção e, portanto, a culpa recai não sobre o sistema excludente (DARDOT; LAVAL, 2016; HAN, 2018), mas sobre o gato (o sujeito).

Na materialidade discursiva da tira, a estratégia empregada para a construção do humor atua no sentido de apontar uma quebra de expectativa no último quadrinho. Assim, seria esperado que, frente aos argumentos levantados pelo gato, fosse possível reconhecer o funcionamento de relações de poder que excluem os gatos (seres humanos) e os alijam de direitos fundamentais. No entanto, isso não acontece, embora, no terceiro quadrinho, a personagem feminina admita compreender o que o gato quer dizer, induzindo o leitor a crer na efetividade do esforço demanda-

âmbito do discurso da meritocracia (FRANCESCHINI; SANTOS, 2019) e, com isso, fazer jus às pretensões críticas desse conjunto de tiras. Desde a primeira pergunta, presente no primeiro quadro, até a última, no sétimo, tem-se uma posição de sujeito de negação das dificuldades e de afirmação de que tudo não passa de uma questão relativa à escolha individual por parte do gato, reforçando novamente o ideário neoliberal (CASTIEL, 2021; DARDOT; LAVAL, 2016;).

Vejamos, pois, que, à medida que as alternativas propostas pela gata são negadas, imediatamente outras questões emergem como uma forma bastante simples para “solucionar” o problema. Assim, na ausência de ração, de atum e de sachê como opções de alimentação, a gata assinala que a fome na verdade seria provocada por uma situação de *stress* e daí sugere a possibilidade de brincar para se descontraír; uma vez que não se tem tais brinquedos, eles poderiam ser adquiridos num *pet shop*, com auxílio do dono. Tendo em vista que todas essas propostas são impossíveis de serem concretizadas, só resta para a felina atribuir a condição de precariedade a uma escolha deliberada do gato em não se esforçar o suficiente para conseguir o que deseja. A ironia e a crítica constitui-se por meio dessa insistência da gata em ignorar a situação vivenciada pelo gato pedinte, dessa dificuldade em aceitar a existência das discrepâncias sociais intrínsecas ao neoliberalismo, conforme pontuam Foucault (2008b) e, de modo mais ampliado, Dardot e Laval (2016).

Na tira em análise, tem-se uma posição de sujeito alinhada à racionalidade neoliberal que tende a reconhecer que o sujeito consegue, através da administração e controle de si mesmo, tornar-se um vencedor, bastando esforçar-se e empreender escolhas consideradas adequadas. Compreendemos, portanto, que escamotear os processos sociais e coletivos e alocar tudo no âmbito do indivíduo e das relações de concorrência (CASTIEL, 2021; DARDOT; LAVAL, 2016; HAN, 2018), conforme já destacamos no decorrer deste texto, integra o funcionamento da formação discursiva de matriz neoliberal.

Nessa perspectiva, o humor põe em jogo os contrastes a sustentarem tal lógica. Na tira em análise, tal conceito age de modo

a demarcar a força performativa do discurso meritocrático, tendo em vista a persistência da gata em fornecer uma justificativa e uma forma para resolver o pedido do gato em situação de vulnerabilidade. Como nos lembram Wayne e Cabral (2021), a meritocracia supervaloriza a individualização e os símbolos de esforço individual ilusório. Nesse ponto de vista, o discurso da gata na tira encontra condições de existência, notadamente numa conjuntura política e social marcada pelo arrefecimento do neoliberalismo em variados campos da sociedade e, por isso, de fortalecimento do discurso da meritocracia (FRANCESCHINI; SANTOS, 2019). Resistir a essas relações de poder (FOUCAULT, 1995), pela via do humor, é fundamental para o debate de temas que nos tomam de assalto e impõem certas verdades e discursos potencialmente sedutores e, num mesmo grau, insidiosos.

Conclusões

No decurso deste texto, estabelecemos como objetivo analisar tiras da série “Meritogatinhas”, de Helô D’Angelo, com o intuito de investigar como o discurso humorístico pode se constituir numa estratégia de resistência diante da racionalidade neoliberal, particularizada pela crítica à prática da meritocracia. Escolhemos para a análise quatro tiras publicadas pela quadrinista em seu perfil no *Instagram* no ano de 2021.

O exercício analítico permitiu-nos identificar algumas regularidades enunciativas por meio das quais foi possível reconhecer a existência de uma formação discursiva de cunho neoliberal, em virtude da contínua dificuldade em reconhecer as contradições da meritocracia, pois se apagam as desigualdades e se negam os privilégios, em favor de uma concepção que defende o esforço individual como a única possibilidade de conquista de direitos e de melhores condições sociais.

No universo fabuloso das tiras, a personagem que se identifica com essa formação discursiva atribui somente ao sujeito à respon-

sabilidade pelo seu fracasso e desconsidera todos os aspectos determinantes para o estado de precariedade em que se encontra tal sujeito. Compreendemos que o discurso humorístico faz circular táticas e jogos de resistência, na medida em que constrói outras formas de se posicionar no tocante aos discursos forjados na esteira da meritocracia, denunciando os limites, os contratos e as potencialidades dessa prática social, elucidando, assim, a percepção de Eagleton (2020, p. 72), para quem “[...] grande parte do humor é transgressão e desvio”.

Podemos ponderar, finalmente, que a principal contribuição do presente estudo residiu em mostrar como o discurso crítico das tiras analisadas funcionam como estratégias de afrontamento às verdades construídas pela racionalidade neoliberal, de modo a exibir o funcionamento da matriz performática dos dizeres inscritos no esteio da meritocracia, da força desses discursos que tendem a naturalizar as desigualdades por meio de um processo de individualização dos problemas sociais e, portanto, de culpabilização do sujeito pela sua condição no jogo concorrencial.

Atentamos ainda para a necessidade de análises futuras que possam contemplar outros discursos humorísticos, especialmente de outros quadrinistas contemporâneos a D’Angelo, com vistas a constatar se a crítica à meritocracia constitui uma regularidade expressiva na construção do humor gráfico. Convém frisar também que este estudo dialogou de maneira direta com o trabalho de Franceschini e Santos (2019), pois estes autores investigaram como a meritocracia se constitui como um objeto de discurso em enunciados diversos, como séries televisivas e propagandas do Ministério da Educação (MEC), de modo a delinear, a partir de exemplos concretos, o funcionamento do discurso da meritocracia. No entanto, como os autores não se dedicaram a analisar que táticas de resistência são produzidas com vistas a questionar a racionalidade neoliberal, pela via da meritocracia, acreditamos que este estudo pode suprir, ainda que de maneira inicial, essa lacuna detectada. Entendemos, por fim, que trabalhos vindouros poderão

ser profícuos no sentido de delinear de forma mais robusta a potencialidade das estratégias de resistência ao neoliberalismo nosso de cada dia.

Referências

ARAÚJO, Inês Lacerda. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. *In*: BARONAS, Roberto Leiser. (org.). *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Letraria: Araraquara, 2020. p. 318-336.

ALAVARCE, Camila da Silva. *A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

CASTIEL, Luís David. *Ensaio fora do tubo: a saúde e seus paradoxos*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz; São Paulo: Hucitec, 2021.

COELHO, Maria das Graças Pinto; OLIVEIRA, Geilson Fernandes de. *Impeachment, emoções e conflitos: a emergência da raiva nos comentários da página da revista Veja no Facebook, Âncora: Revista Latino-americana de Jornalismo*, João Pessoa, v. 5, n. 2, p. 127-144, 2018.

D'ANGELO, Helô. Meritogatinhas. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/helodangeloarte/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

EAGLETON, Terry. *Humor: o papel fundamental do riso na cultura*. Trad. Alessandra Bonruquer. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; BULHÕES, Ricardo Magalhães. A fábula na formação do leitor: reflexões em torno da obra “30 fábulas contemporâneas para crianças”, de Sérgio Caparelli. *In*: COENGA, Rosemar Eurico; GRAZIOLI, Fabiano Tadeu; COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. da (orgs.). *Literatura infantil e juvenil: em tempos de reflexão e isolamento: a muitas mãos, como convém aos solidários*. Cuiabá: Entrelinhas, 2021. p. 47-62.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: DEYFRUS, Hubert. L.; RABINOW, Paul. *Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1982] 1995. p. 231-250.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, [1978] 2008a.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France: (1978-1979)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2008b.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 19. ed. Ed. M. J. Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, [1970] 2009.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969] 2010.

FRANCESCHINI, Bruno; SANTOS, Tainá. Camila dos. Discurso de meritocracia: uma análise da regularidade enunciativa em enunciados institucionais e na série 3%, *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 41, n. 2, e48227, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/48227>. Acesso em: 15 jan. 2022.

FREUD, Sigmund. (1905). *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Trad. Fernando Costa Mattos e Paulo César de Sousa. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

G1. Fuvest 2021: tema da redação é as ‘diferentes faces do riso’. *G1*, Rio de Janeiro. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/educacao/noticia/2022/01/16/fuvest-2022-tema-da-redacao-e-as-diferentes-faces-do-riso.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2022.

HAN, Byung Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Trad. Maurício Liesen. Âyiné: Belo Horizonte, 2018.

MARKOVITS, Daniel. *A cilada da meritocracia: como um mito fundamental alimenta a desigualdade, destrói a classe média e consome a elite*. Trad. Renata Guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Trad. Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce, *Psicologia USP*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 89-98, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/kQXPLsM8KBkZYSBTnTGhvmj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2022.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, Paulo. *Tiras e ensino*. São Paulo: Parábola, 2014.

SOUZA, Pedro H. G. Ferreira de. *Uma história de desigualdade: a concentração de renda entre os ricos no Brasil (1926-2013)*. São Paulo: Hucitec, 2018.

WAYNE, Michael.; CABRAL, Vinícius Neves. Capitalismo, classe e meritocracia: um estudo transnacional entre Reino Unido e Brasil, *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 46, n. 3, e117535, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/QfPgJhMxBvKPg7YgnMvJwGs/>. Acesso em: 18 jan. 2022.